

Chris Weitz

MUNDO NOVO

Tradução
ÁLVARO HATTNER

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2014 by Chris Weitz

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Young World

CAPA kakofonia.com

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Weitz, Chris

Mundo Novo / Chris Weitz ; tradução Álvaro Hattner. —
1^a ed. — São Paulo : Seguinte, 2014.

Título original: The Young World.

ISBN 978-85-65765-47-3

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

14-07046

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

JEFFERSON

MAIS UM LINDO DIA DE PRIMAVERA após o colapso da civilização. Estou fazendo minha ronda, seguindo o trajeto que serpenteia o Washington Square Park como um símbolo do infinito deformado. Passo pelas mesas onde os velhinhos costumavam jogar xadrez, agora a oficina a céu aberto de Crânio. Depois passo pela fonte, testemunha de inúmeros primeiros encontros, venda de maconha e gritos estridentes das crianças brincando com a água. Agora é o reservatório da tribo, coberto por lona para evitar cocô de pomba e a proliferação de algas.

A estátua de Garibaldi está enfeitada com coroas de flores de plástico, colares de carnaval, antigas correntes e medalhões de rappers — troféus de expedições em busca de qualquer coisa aproveitável do outro lado dos muros. Áreas condenadas: Broadway, Houston, galerias de tiro do West Village. Presas com fita adesiva ao pedestal, lembranças dos mortos. Fotos de mães, pais, irmãos e irmãs, animais de estimação perdidos. Aquilo que sua mãe costumava chamar de “fotos de verdade”, ao contrário dos arquivos digitais. Sobraram as cópias impressas, agora que milhões e milhões de recordações se perderam na nuvem. Um oceano de uns e zeros significando nada.

Através do arco de pedra com a estátua de Washington (Washington, o fundador da nação, não Washington, meu irmão mais velho) montado em um cavalo, dá para ver toda a Quinta Avenida até o Empire State. Ainda sai fumaça dos andares mais altos. Dizem que é lá que

mora o Velho, o único adulto que sobreviveu ao Ocorrido. Dizem um monte de merda.

Onde havia grama e flores, balanços e áreas para cachorros, há fileiras e fileiras de legumes. Frank está gritando com um grupo de trabalho. E eles aceitam. O caipira de ontem é o salvador de hoje. Frank cresceu em uma fazenda, e é o único entre nós que sabe cultivar coisas. Sem ele, estariámos raquíticos, ou teríamos escorbuto, ou qualquer outra coisa com a qual nunca nos preocupamos Antes.

Um grupo de pilhagem entra pelo portão da Thompson Street. Um pouco de comida enlatada, um pouco de gasolina chupada com mangueiras finas para alimentar os geradores. Um pequeno Honda vermelho resfolega, carregando a bateria dos walkie-talkies e de outros objetos básicos. Além dos privilégios ocasionais, como um iPod ou um GameBoy, se você conseguir convencer Crânio a deixar plugará-lo.

As folhas chiam ao vento e saltam para a morte dos ramos altos. Uma ventania vem do norte, trazendo um cheiro de plástico queimado e carne podre.

Meu walkie-talkie faz um ruído.

— Temos companhia vindo do sul para a Quinta. Câmbio.

É Donna, do outro lado do parque. Começo a correr.

— A que distância? — pergunto. Quando não obtenho resposta, acho que não apertei o botão corretamente para falar. Em seguida, ouço a voz dela novamente.

— Você não disse “câmbio”. Câmbio.

— Céus, Donna, de novo? Câmbio, câmbio. Tá bom? Quantos são e a que distância estão? *Câmbio*.

— Estão entre a Nona e a Oitava. Cerca de dez. Fortemente armados. Câmbio.

— Não são dos nossos?

Uma pausa.

— *Câmbio*.

— Não.

Donna pode ver praticamente tudo de seu posto, no alto de um prédio na Oitava, além dos muros. Consigo ver o cano de seu rifle projetando-se de uma janela.

— Você não disse “câmbio” — falo.

— Opa. Câmbio. Quer que eu atire? Eles estão bem debaixo de mim agora, mas as condições de tiro vão ser melhores depois que eles passarem. Câmbio.

— *Não atire!* Câmbio.

— Tudo bem, o problema é seu. Se mudar de ideia, diga. Câmbio. Hora de dar o alarme.

Perto de cada entrada para o parque há uma antiga buzina à manivela presa com parafusos a uma árvore. Vai saber onde Crânio as encontrou. Seguro a manivela, a inércia me atrasando e forçando meus tendões. O lamento começa lento e baixo; à medida que o movimento aumenta, transforma-se em um grito saído do inferno.

Enquanto giro a manivela, penso em calorias: na quantidade de calor que estou gastando, em quanto ingeri hoje. Quando você não coloca mais para dentro do que queima, começa a morrer. Penso, inutilmente, em hambúrguer, batatas fritas e bolo. Iguarias históricas, luxos impensáveis.

Sessenta segundos depois, nossos atiradores estão a postos.

Seis armas, uma boa parte do nosso arsenal, apontam para a Quinta Avenida através das fendas no ônibus escolar blindado bloqueando a rua. E o rifle de franco-atirador de Donna atrás deles. As portas dos edifícios perto da barricada foram cobertas com tábuas meses atrás, e a rua foi esvaziada, tornando-se uma zona de tiro livre.

Wash juntou-se à festa. Espero que ele assuma a liderança. Mas o generalíssimo Washington encolhe os ombros. *Sua vez, irmãozinho.*

— Estão fortemente armados — menciono, querendo dizer: *Agora não é hora para treinamento.*

— Então é melhor você ter um plano — diz Washington.

Beleza. Coloco a correia do meu AR-15 no ombro e entro correndo no ônibus escolar.

Os assentos de couro sintético estão retalhados. As paredes estão cheias de humor negro:

Festa na minha casa hoje à noite! Meus pais morreram.

“Foda-se o mundo”, ass.: Eu. “Não, foda-se você!”, ass.: O mundo.

LEMBRE-SE! HOJE É O PRIMEIRO DIA DO RESTO DO FIM DE TUDO.

Passo pelos adolescentes a postos e percebo que, apesar de o mundo ter ido para o inferno, as pessoas ainda se preocupam com a moda. Os saques em nossa área contribuíram para aparências bastante ecléticas. Sobretudos Prada com insígnias militares, vestidos com cintos de munição. Tem um cara, Jack, que se travestiu por completo. Os pais dele nunca vão chutá-lo para fora de casa. E agora ninguém vai brigá-lo com ele. O cara tem um metro e oitenta de altura, e é largo como um banheiro químico.

Nota mental: seria bom ter um banheiro químico.

Lembro de ter lido em algum lugar que os caras do exército do Napoleão que faziam as missões de reconhecimento perigosas ficavam cheios de si e se vestiam com todo tipo de roupa roubada. Eram chamados de guarda avançada, ou *avant-garde*.

Isso me faz pensar nos livros do Patrick O'Brian, com fileiras de homens a postos ao lado dos canhões no convés, e no filme que fizeram com aquele australiano, e penso em dizer algo como *Atenção, rapazes. Esperem a ordem*, mas isso ia parecer ridículo, então em vez disso dou tapinhas nas costas ou na bunda deles, como se estivéssemos nos preparamo para o grande jogo.

— Ei! — Uma das atiradoras reage quando dou um tapinha na bunda dela. É aquela garota, Carolyn, a loira, que era uma espécie de fashionista antes do Ocorrido. Opa. Mesmo depois do apocalipse as meninas não gostam de levar um tapa na bunda.

— Desculpe — eu digo. — Totalmente não sexual. — Tento dizer isso de uma maneira indiferente, despreocupada.

Ela me olha como se dissesse *Pode ter certeza de que não é sexual*, mas não tenho tempo para explicar. Eu me retorço para entrar no posto de observação que Crânio construiu no banco do passageiro.

Há dez deles, como Donna disse; ela tem um bom olho. Todos garotos, acho. Idade avançada, dezesseis ou dezessete anos. Estão vestidos com roupas de camuflagem verde, o que é totalmente inútil na cidade. Os trajes são enfeitados por fitas, medalhas militares e todo tipo de porcaria. Cada um tem uma espécie de brasão escolar na altura do coração, e pequenas caveiras alinhadas nos ombros, como as bandeirinhas nas laterais dos caças antigos.

Tem um cara segurando uma daquelas metralhadoras grandes, do tipo com cinto de balas. Um rifle automático? Wash sabe como chama. Estou preocupado com o lança-chamas que outro cara acende com um isqueiro enquanto observo.

Granadas, ganchos, todo o equipamento. Alguns AR-15 como o meu. Devem ter atacado um arsenal.

— O que vocês querem? — grito. Agressivo, mas sem ostentar muito. Como Wash faria.

— Quero falar com o chefe — diz um dos estranhos, um garoto loiro, de uns dezessete anos, olhos azuis, maçãs do rosto ossudas. Do tipo jogador de futebol americano. Do tipo que eu não gostava antes do Ocorrido. Do tipo que gosto menos ainda agora.

Todo mundo no ônibus espera que Wash diga alguma coisa. Mas ele me deixa na mão. Valeu, irmão.

Volto minha boca para o megafone. Ai. Tenho que pedir para o Crânio lixar o bocal.

— Eu sou o chefe.

— Você é meio jovem pra ser o chefe — Rosto Ossudo diz. Nossos olhos se encontram através do vidro à prova de balas.

— Eu sou o chefe, tá bom? O que você quer?

Mas Rosto Ossudo não quer ir direto ao ponto. Ele se curva, depois começa a entoar um discurso como se tivesse saído de *A guerra dos tronos*.

— Saudações ao clã de Washington Square em nome da Confederação da Uptown. Viemos com a intenção de parlamentar.

Um dos garotos da nossa linha de tiro dá uma risadinha nervosa, e acho que eles ouvem, porque olham uns para os outros como se estivessem esperando algum tipo de resposta formal.

— Parlamentar significa... — começa Ossudo.

— Sei o que *parlamentar* significa — eu falo. — Mas você poderia simplesmente dizer que quer conversar.

— Tudo bem. Queremos *conversar*, tá bom? Queremos falar de negócios.

Eles puxam algo em uma coleira para a frente.

É um porco. Não um porquinho bonitinho, de cauda de saca-rolhas, saído de um livro infantil, mas um porco grande e fedido.

Proteína.

Sabe-se lá como conseguiram trazê-lo da Uptown até aqui, por quilômetros de território hostil. Eles *realmente* parecem meio acabados, e um deles parece ter um ferimento de bala; seu braço está em uma tipoia com sangue ainda vermelho-vivo. Um confronto recente, talvez perto da Union Square. Ouvi barulho de tiroteio pela manhã. Mas até aí ouço tiroteios toda manhã.

— Beleza. Imagino que o porco não seja seu namorado. É sobre isso que estamos “parlamentando”?

Ossudo não gosta de mim, mas ele está aqui para resolver as coisas, então diz:

— Sim, espertinho, é isso que viemos negociar.

— Tudo bem. Sou um sujeito razoável. O que você quer por ele?

Aí ele começa a enaltecer a mercadoria:

— Este é um porco premiado da fazenda Hansen. Cem por cento orgânico, certificado pelo Ministério da Agricultura dos Estados Unidos.

— Você tem consciência de que não existe mais Ministério da Agricultura dos Estados Unidos e de que comer alimentos orgânicos é a menor das nossas preocupações?

— Tanto faz. O irmão dele era bem gostoso.

Olho para Frank. Ele encolhe os ombros.

— Parece saboroso. Bonito e gordo.

— Certo — grito para Ossudo. — Parece um pouco magro, mas acho que podemos negociar. O que você quer por ele?

E é aqui que as coisas ficam realmente esquisitas, porque o cara diz:

— Duas meninas.

Houve uma pausa, ou o que alguns amigos definiriam como um momento “hein?”.

— Pode repetir, por favor?

Ossudo volta para o modo Tolkien e anuncia, formal:

— Desejamos fazer a troca do porco por duas fêmeas.

Perplexo é a palavra do dia.

— Você quer dizer fêmeas *humanas*? — pergunto, e o cara dá de ombros, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo: é, duas meninas por um porco. Qual é o problema?

A voz de Donna surge no walkie-talkie.

— Jefferson? O que ele quer? Não consigo ouvir. Câmbio.

Achando que é melhor não contar à nossa franco-atiradora feminista e louca para entrar em ação que aqueles sociopatas queriam trocar porcos por garotas (a uma taxa muito pouco lisonjeira, por sinal), não respondo.

— Alôôôô? O que está acontecendo aí? Câmbio.

— Estou cuidando do assunto, Donna, muito obrigado. Câmbio.

Mas *como* estou cuidando do assunto? Não sei exatamente. As meninas na linha de tiro olham para mim.

Limpo a garganta.

— Hum, nossa, do que vocês estão falando? Quer dizer, sinto muito se estão se sentindo meio solitários, mas...

— A gente tem um monte de meninas. Só queremos mais — diz um sujeito grandalhão segurando um taco de lacrosse com uma granada. Por que, *por que*, todo mundo fica dando uma de Mad Max pra cima de mim? Ossudo olha feio pra ele, como se não quisesse que ninguém falasse além dele.

— Meu colega está certo — diz ele. — Temos muitas garotas, temos muita comida, não falta nada na Uptown: eletricidade, água corrente, o que quiserem. Sei lá, até maquiagem e essas merdas. Olha só.

Ossudo olha para uma menina de seu grupo, uma loira bonita com cara de brava. Ela dá um passo — ou é empurrada — para a frente.

— Conta pra eles sobre a Uptown — ele diz. — Conta pras meninas que elas não têm com que se preocupar.

Mas ela não diz nada. Olho com mais atenção, e talvez tenha sido a palavra *maquiagem* que motivou isso, mas não posso deixar de notar que o rosto está um pouco mais avermelhado do lado esquerdo, onde se receberia um soco de um destro.

Não gosto nada disso. Mesmo se algumas meninas do nosso grupo quisessem ir embora. Não as deixaria ir com aqueles fascistas, e com certeza não trocaria uma pessoa por um porco, não importa o quanto sinta falta de bacon.

— Posso atirar naquela vadia, por favor? — diz Carolyn, e eu percebo que ela está falando da menina da Uptown, e me pergunto por que quer descontar nela. Não tenho certeza se algum dia vou entender como as meninas pensam.

De qualquer forma, Carolyn puxa o ferrolho do rifle e eles ouvem lá fora. Seguem-se sons de armas sendo engatilhadas, pentes sendo colocados em automáticas e travas de segurança sendo liberadas entre o grupo da Uptown, cujos membros se ajoelham ou deitam de barriga para baixo, apontando as armas para as aberturas onde estão nossas armas. *Os tiros dos fuzis deles vão perfurar a lateral deste ônibus, atravessar as placas blindadas, e vamos todos morrer*, penso.

— Aqui é a Donna. Câmb... — Desligo o walkie-talkie.

Onde está Wash? Não o vejo em lugar nenhum. Ele deixou o problema inteiramente para o segundo filho.

Então Frank grita:

— Você acha que tá jogando *Call of Duty*? Acha que tá no multiplayer? No Wi-Fi ou uma merda dessas? Que vocês vão levar um tiro

e *voltar a jogar*? Isso aqui não é o Xbox. Não tem essa de *voltar*. Então fica de boa aí, porra!

Ele está certo. Não há volta para ninguém, exceto os ratos. Não tem fim para eles. Mate um e aparece outro.

— Beco sem saída — digo. A expressão me vem de algum momento da minha infância. No silêncio que envolve pessoas se preparando para atirar umas nas outras, até que tem certo efeito.

— E aí? — pergunta Ossudo.

— Obrigado, mas não — grito. — Siga seu caminho agora, ó Confederação da Uptown.

— Nós vamos até os pescadores — grita Ossudo, tentando negociar.

Os pescadores ficam na South Street e, se não me falha a memória, amontoam-se em um velho veleiro de grande porte, o *Peking*. Acho que preferem ser chamados de piratas, mas e daí?

— Manda um oi pra eles. Aproveitem o sashimi.

Mas os garotos continuam parados ali. Parecem contentes só de ficar descansando no lugar. Então percebo que não vão levar a proposta a nenhum outro lugar. Eles não têm um plano B. Precisam se livrar do porco. Isso é muito ruim, porque se eles estão sem opções, nós também estamos.

— Podemos simplesmente *pegar* o que precisamos — diz Ossudo.

Não demonstre fraqueza. Wash diz que um predador deve levar em consideração se vai se machucar ao derrubar a presa, mesmo que saiba que vai ganhar.

— Não, não podem. Bom dia para você e para o Toucinho aí.

Eu os vejo conversando entre si. E vejo o cara com o taco estender a mão até a argola do pino da granada. E...

Um tiro.

As pessoas gostam de dizer coisas como “Um tiro ressoou”, mas não há nada de melódico num tiro. É algo percussivo. *POW!* Anula todos os sentidos por um momento, e seu instinto é fechar bem os olhos e tentar encontrar o buraco mais próximo para se esconder.

Eu grito para o walkie-talkie.

— Donna, eu disse para *não* atirar!

— Não fui eu, Jefferson. Câmbio.

Todo mundo está congelado — nós, eles. Então, de repente, todo mundo está gritando um com o outro, como acontece na TV e no cinema, todo tipo de ameaça e xingamento, mas nenhum dos nossos foi atingido, e, pelo jeito, parece que nenhum deles também.

O porco.

Seus olhos viram para cima com uma sincronia cômica que, devo dizer, é perfeita. Como se para examinar o novo buraco na cabeça. Ele cai de lado, com um *TUM*, as pernas estremecendo.

— Não atirem! — grito, quando meus garotos (e garotas) engatilham as armas e miram.

Alguns membros da tribo da Uptown agarram as pernas do porco e tentam tirá-lo de lá, mas ele já era pesado quando vivo, e peso *morto* é muito pior. O porco simplesmente não quer cooperar. Os mortos podem demonstrar uma indiferença surpreendente.

Com todos os problemas que tiveram para levá-lo até nós, de maneira alguma conseguiram levar o porco de volta, com o sangue atraindo cães selvagens a cada passo do caminho.

Devia ser o que Wash tinha em mente.

Meu irmão mais velho. Ele está em cima do muro, alto e bonito, à vista do grupo da Uptown, que agora aponta todas as armas para ele.

— Vá em frente — diz Washington. — Amanhã faço dezoito anos.

Tenho tentado não pensar sobre isso. Mas ele está certo. Em breve... sem volta. Wash os desafia a atirar nele.

Ele nem se despediu. É egoísmo, mas é o que penso. *Ele nem se despediu.*

Wash fica lá em cima do muro como a estátua sobre o arco, iluminado pelas costas, saudando o futuro.

Ossudo, que está com cara de quem realmente, *realmente*, quer matar Wash, abaixa a arma e sorri.

— Não — diz ele. — Não vou te fazer nenhum favor. Aproveite a Doença.

Os outros discutem entre si. Alguns querem atacar os portões, mas o resto só quer dar o fora dali. Ossudo finalmente consegue fazê-los calar a boca. Eles se retiram, andando de costas, apontando as armas em várias direções, em um movimento que parecem ter roubado de um videogame.

— Isso ainda não acabou! — grita Ossudo.

— Ótimo — diz Washington. — Voltem mais tarde com feijão.

Depois de mais ou menos uma hora, quando temos certeza de que o grupo da Uptown foi embora e não estava usando o porco como isca para algum franco-atirador nos acertar, nós arrastamos o animal para dentro, espantando os ratos.